

Edição v. 42
número 1 / 2023

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 42 (1)
jan/2023-abr/2023

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

TEMÁTICA LIVRE

Crônicas da derrota: a culpa pelo fracasso e suas narrativas na Copa do Mundo de 2006

Chronicles of defeat: the blame for the failure and its narratives in the 2006's World Cup

LEONARDO TURCHI PACHECO

Instituição (UNIFAL-MG) – Alfenas, Minas Gerais, Brasil
E-mail: leonardoturchi@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0390-1608>

MATEUS ALEXANDRE SILVA

Instituição (UFMG) – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
E-mail: mateusalsilva@yahoo.com.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9826-333X>

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PACHECO, Leonardo Turchi; SILVA, Mateus Alexandre. Crônicas da derrota: a culpa pelo fracasso e suas narrativas na Copa do Mundo de 2006. *Contracampo*, Niterói, v. 42, n. 1, jan./abr. 2023.

Enviado em: 05/10/2022. Revisor A: 23/10/2022; Revisor B: 04/01/2023; Revisor A: 01/02/2023; Revisor B: 01/02/2023. Aceito em: 03/02/2023.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v42i1.55690>

Resumo

O artigo tem como objetivo refletir sobre as crônicas escritas pelo ex-jogador Tostão sobre a Copa do Mundo de 2006 no jornal *Folha de São Paulo*. Treze crônicas desse jornal acrescidas de crônicas de autoria do mesmo autor publicadas em uma coletânea foram utilizadas como fontes, analisadas e interpretadas pela dimensão metodológica historiográfica e antropológica. Percebe-se pelas narrativas articuladas pelo cronista e ex-jogador conteúdos que exploram a disputa de poder, corporeidade e ausência de coragem pelo viés da moral para dar sentido e eleger os culpados pelo fracasso da equipe brasileira nessa competição.

Palavras-chaves

Fracasso; Narrativas; Copa do Mundo; Corpo; Moralidades.

Abstract

The aim of this paper is to reflect upon the chronicles written by former soccer player Tostão, about the 2006's World Cup, in the newspaper *Folha de São Paulo*. Thirteen chronicles of this newspaper plus another chronicles by the same author published in a book were used as sources, analyzed and interpreted by a historiographical and anthropological methodological point of view. It is noticeably from the narratives articulated by the chronicler and former soccer player that a variety of contents are explored, such as the dispute for power, corporeality and lack of courage due to moral issues to give meaning and elect the culprits among the Brazilian team for the failure in this competition.

Keywords

Failure; Narratives; World Cup; Body; Moralities.

Introdução

Era a segunda vez que a Alemanha seria a anfitriã da Copa do Mundo. Na primeira vez, em 1974, ainda havia a divisão entre a Alemanha Ocidental e a Oriental. Na Copa do Mundo de futebol praticado por homens em 2006 foram envidados esforços para apresentar ao resto do mundo uma Alemanha pós-queda do muro de Berlim, unida pelo mesmo objetivo – não somente receber as equipes e seus torcedores de maneira acolhedora, como também conquistar o campeonato.¹ A edição de 2006 não teve nenhum problema estrutural e organizacional abordados pela mídia, como seria uma constante nos eventos posteriores: 2010, 2014, 2018 e 2022. Todos os 12 estádios estavam prontos para receber os jogos e somente após a realização da Copa é que veio a público que o país havia gastado mais de 50% acima do orçamento previsto.

Essa foi a Copa das superestrelas pois reuniu grandes jogadores vindos dos principais clubes da Europa, dentre eles, os melhores jogadores do mundo desde 1996 (com exceção de Rivaldo, que venceu em 1999 e não participou da copa) Ronaldo, Zidane, Figo e Ronaldinho e dos outros quatro que completariam a lista até 2017 (Cannavaro, Kaká, Messi e Cristiano Ronaldo).

A Seleção Brasileira era apontada por alguns veículos da mídia (brasileira) como a principal favorita, pois contava com 10 remanescentes do penta campeonato conquistado em 2002, acrescida de um elenco de jogadores de respaldo mundial e de jogadores mais jovens que se destacavam em clubes europeus. Somado ao favoritismo a equipe brasileira possuía jogadores com aspirações individuais que prenunciavam uma boa campanha no torneio. Esse era o caso de Ronaldo Fenômeno, que iria jogar sua última Copa do Mundo e buscava o topo da lista de maiores artilheiros do torneio. Cafú que havia jogado as últimas três finais de Copa do Mundo, buscava jogar a quarta. Ronaldinho Gaúcho campeão em 2002, eleito melhor jogador do mundo em duas oportunidades, chegava à Copa no auge da carreira como protagonista da equipe. Por fim, e não menos importante, havia a possibilidade de a Seleção Brasileira conquistar dois títulos consecutivos, repetindo o feito de 1958 e 1962.

Todas essas características fizeram com que a equipe fosse rotulada, tratada e se comportava como uma trupe de celebridades. Contudo, apesar do *status* de celebridade dos jogadores e do favoritismo, a Copa do Mundo da Alemanha foi um fiasco para o Brasil. A equipe não jogou bem, as principais estrelas ficaram apagadas em campo e a campanha foi aquém do que se esperava. A derrota e consequente eliminação para a França foi a triste conclusão de uma campanha decepcionante – apesar das quatro vitórias e essa única derrota. A final ficou marcada pela provocação e polêmica entre o italiano Materazzi e o francês Zidane. Este foi expulso após desferir uma cabeçada no peito daquele. O que motivou a agressão foi um chiste machista do italiano que se referia a irmã do francês. Nas disputa de pênaltis a Itália conquistou um título que não conquistava desde o mundial de 1982.

Ao refletir como os brasileiros pensam a comunidade e a identidade nacional através do futebol, Vogel (1982) realiza uma comparação entre as Copas do Mundo de 1950 e 1970. Em sua perspectiva a comparação entre Copas se justifica na medida em que, sendo um torneio que tem uma regularidade de 4 em 4 anos, não se pode compreender uma isolada do contexto das anteriores. Assim, esse autor procede na comparação estrutural entre 50 e 70 e identifica pares de oposição que as diferem. Se em 1950 as categorias tragédia, agonia, vergonha e arrogância somam-se para entender a derrota, por sua vez em 1970 as categorias apoteose, glória, raça (vontade) e humildade são conjugadas para compreender a vitória. Ainda no argumento deste autor, como há uma identificação entre time e torcida, a seleção brasileira de futebol se torna uma metonímia das vitórias e fracassos do povo brasileiro.

¹ Ter a então tricampeã como anfitriã, rompia uma constante que durava desde 1990, quando a também tricampeã Itália recebeu o evento, neste período Estados Unidos, França (que só se tornou campeã quando sediou o evento em 1998), Japão e Coréia do Sul receberam o evento e não tinham tamanho protagonismo na história das Copas.

Pois bem, o presente artigo não realiza uma comparação entre Copas do Mundo, mas referências a outras Copas estão presentes nas crônicas analisadas, mesmo que implicitamente, e na percepção do desempenho dos jogadores e comissão técnica da seleção brasileira para compreender a derrota de 2006. Deste modo, como se verá, houve uma expectativa de que a equipe brasileira desempenhasse o “estilo nacional, a valorização afetiva da cultura” (VOGEL, 1982, p.79), ou seja o futebol-arte, alegre, agressivo em busca de gols. Isso não aconteceu. A expectativa estava baseada nas características dos jogadores que foram convocados, para o meio de campo e ataque, que foram denominados *quadrado mágico*. A última Copa que essa designação foi utilizada para denominar o conjunto de jogador convocados foi a de 1982. Como o desempenho não foi caracterizado nem como bonito e muito menos como eficiente, a derrota foi pouco impactante quanto as de outrora – o sentimento de decepção se revela nas crônicas, mas nada parecido como as catarses de outras derrotas mais emblemáticas. Não foi uma tragédia como 1950 e 1982, não foi entendida como uma derrota de “campeões morais” como em 1978, nem como o vindouro vexame de 2014.

Sabe-se da amplitude da literatura que aborda os meios de comunicação e os esportes.

Desde perspectiva da sociologia francesa, como os estudos sobre os modelos de exercer a profissão de jornalista, suas origens e modos de escrita abordados por Neveu (2006). O debate sobre a influência da televisão e as disputas de poder sobre os enfoques relevantes dos Jogos Olímpicos apresentados por Bourdieu (1997). Passando pela perspectiva inglesa dos estudos culturais sobre a mídia, que tem como um dos seus expoentes Whannel (2000), e as discussões nas intersecções entre meio de comunicação, raça, gênero, corporeidade e globalização. Pela teoria da comunicação de Umberto Eco (1984) e a dimensão pessimista de suas análises referente a Copa do Mundo como espetáculo e o papel de transformação política do futebol. Até a perspectiva da história, antropologia e sociologia brasileira. Nesta é importante ressaltar a coletânea organizada por Hollanda e Melo (2012) e a discussão sobre esporte e imprensa escrita no Rio de Janeiro e São Paulo entre os séculos XIX e XX. Além da perspectiva sociológica de Helal (1997) na abordagem do futebol como cultura de massas e de Helal e Costa (2020) sobre teoria da comunicação, mídia, idolatria, identidade e futebol. E na antropologia Pacheco (2020) evidencia a ausência de mulheres na narração esportiva e o pequeno número no jornalismo esportivo em Belo Horizonte. Ainda na Antropologia, no entrecruzamento com o campo da comunicação, Gastaldo (2006, 2020) explora a publicidade, a construção de identidades e as Copas do Mundo.

E isso sem considerar as diversas perspectivas de autores e autoras de outros tantos países. Portanto, muita tinta foi gasta por mãos valiosas para se pensar os meios de comunicação e seus desdobramentos narrativos.

Tendo em conta essas discussões teóricas, acrescidas de outras, esse artigo propõe a reflexão sobre as narrativas sobre o fracasso e os culpados pela derrota na Copa do Mundo da Alemanha. Para tal, realiza a análise das treze crônicas de Tostão, publicadas no jornal Folha de São Paulo entre os dias seis de junho e três de julho de 2006.² A importância desse jornal, para compreender algumas das narrativas da Copa do Mundo de 2006, reside em sua abrangência e ao contingente de profissionais que foram designados para cobrir o evento.

Em 2006 a Folha de São Paulo possuía uma tiragem acima de 300.000 exemplares e atingia uma parcela específica da população brasileira como seus principais consumidores.³ É relevante recordar que nesse período as redes sociais, pelo menos no contexto brasileiro, não possuíam a dimensão e capacidade

² As crônicas selecionadas, foram publicadas na versão impressa do jornal Folha de São Paulo e estão disponíveis em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 15 out. 2019.

³ Em pesquisa realizada pelo Datafolha em 2000, a média de idade do leitor do jornal é 40,3 anos, 47% cursaram graduação e 13% cursaram pós-graduação. 53% tem renda mensal individual de até 15 salários mínimos e 36% têm renda familiar acima de 30 salários mínimos. Dados divulgados em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/quem_e_o_leitor.shtml. Acesso em: 16 jan. 2023.

de pautar e retroalimentar a mídia tradicional como nos dias de hoje. O Facebook engatinhava, o Twitter acabara de ser fundado, o Instagram e o Tik Tok ainda não existiam. O Orkut era uma das redes sociais mais utilizadas pelos brasileiros, mas o grosso das informações eram consumidas em jornais, emissoras de rádio e televisão.

Durante a realização da Copa do Mundo de 2006, a Folha de São Paulo manteve aproximadamente 17 profissionais (com destaque para Tostão e Juca Kfourri), entre repórteres, fotógrafos e colunistas na Alemanha e publicou o caderno especial *Copa 2006*, contendo entre oito e 12 páginas.⁴

Acrescidas às crônicas escritas para o jornal a Folha de São Paulo, o livro de compilação de textos do *Tostão Cronista – A perfeição não existe: paixão do futebol por um craque da crônica* – também foi utilizado como fonte de análises.

A abordagem metodológica dessas crônicas desenvolve-se em duas dimensões que se interseccionam na realização das análises e interpretação das narrativas produzidas pelo ex-jogador Tostão. A primeira refere-se a dimensão da historiografia. Por se tratar de um episódio da história do futebol, mais particularmente das Copas do Mundo, levou-se em consideração, como sugere Santos (2020), o tempo, o espaço e os meandros das narrativas (temas abordados e problemas revelados). As fontes utilizadas são provenientes da imprensa esportiva e uma discussão sobre as relações de poder nesse campo profissional são destacados. A leitura atenta e a interpretação das fontes escritas foram realizadas levando em consideração os procedimentos recomendados por Létorneau e Pelletier (2011, p.100): “bom conhecimento da origem e contexto de produção do documento e grande capacidade de questionamento e imaginação”. A segunda dimensão está associada a antropologia hermenêutica. Não propriamente uma descrição densa com todas as características que propõe Geertz (1989), mas uma interpretação do discurso encadeado na narrativa sobre a derrota de 2006 e seus motivos. E, como se verá adiante, estes discursos revelam uma teia de relações simbólicas e literais entre atores do campo do futebol, jornalismo esportivo e literatura.

Dessa forma, o presente artigo está dividido em três momentos. O primeiro momento tem por dilema a compreensão dos motivos pelos quais Tostão era questionado por atores no campo do jornalismo esportivo e no campo do futebol por suas abordagens enquanto ex-jogador que escrevia crônicas desde 1996 para diversos jornais, incluindo a Folha de São Paulo. Assim, apresenta e descortina o espaço ocupado por Tostão para legitimar as suas narrativas. Aborda a disputa pelo discurso autorizado e a credibilidade do cronista para emitir as percepções sobre a realidade social, nesse caso o desempenho dos atletas e comissão técnica na Copa de 2006.

O segundo e o terceiro momentos exploram temas relevantes nas crônicas de Tostão que estruturam o entendimento do fracasso brasileiro e revelam os culpados pela derrota. A corporeidade, através da discussão da bolha no pé e do excesso de adiposidade do principal jogador brasileiro, se apresenta como tema que sai da esfera física e entra na esfera da moralidade para determinar responsabilidades sobre a derrota. Assim como a falta de coragem e a ausência de autoridade do técnico e de sua comissão, que além de denotar fragilidades concernentes à virilidade, também manifestam incapacidade de comando e transgressão de hierarquias – o que atenta contra a virtude moral desses atores sociais colocando em suas ações a culpa pela eliminação nessa Copa do Mundo. O dilema que perpassa esses dois momentos reside na compreensão dos motivos que fazem Tostão mobilizar as categorias, acima enumeradas, para explicar a derrota brasileira em suas crônicas. Em outras palavras, por que a corporeidade, emoção, autoridade e seus desdobramentos foram acionados para construir a narrativa das crônicas da derrota em 2006?

⁴ Durante a competição, o jornal nomeou o caderno, no qual as crônicas se encontravam, de *Copa 2006*, que cobria as notícias da Copa do Mundo e outros esportes. O caderno foi publicado diariamente. Além disso, seis cadernos especiais foram publicados antes do evento e mais sete foram publicados até o final.

Quem pode falar sobre o que e em quais circunstâncias: discursos autorizados

Eduardo Gonçalves de Andrade (Tostão), foi um atleta de futebol de rara habilidade que atuou por várias equipes brasileiras entre as décadas de 60 e 70. Jogou no América - MG, Cruzeiro, Vasco da Gama e Seleção Brasileira. Vencedor da Taça Brasil de 1966, é o maior artilheiro da história do Cruzeiro. Pela Seleção Brasileira, jogou as Copas do Mundo de 1966 e 1970. Em 1970, no tri campeonato conquistado no México, foi um dos protagonistas de uma equipe que entrou para a história, não só pelo título, mas também por ter entre seus titulares (e reservas) jogadores que praticavam o que se convencionou denominar futebol-arte (SOARES; HELAL; SANTORO, 2004).

Sua carreira no futebol foi interrompida precocemente por um descolamento de retina no olho esquerdo. Assim que a carreira de atleta foi encerrada outra se principiou, a de Clínico Geral e professor da mesma universidade onde estudou, a Universidade Federal de Minas Gerais. No início da década de 1990 voltou ao mundo do futebol como comentarista de um canal de televisão e colunista de vários jornais.

Em sua dissertação de mestrado, Costa (2009) indica que a transição de Tostão, de ex-jogador à comentarista e cronista esportivo, se deu no início da década de 1990 como um fenômeno característico da concorrência entre mídia impressa e mídia televisiva na cobertura das Copas do Mundo. No caso de Tostão, o autor localiza essa transição na Copa de 1994. Nesse Mundial Tostão comentou na emissora ESPN. Dois anos depois transforma-se em colunista do *Jornal do Brasil* e em 1999 assume um espaço como colunista na *Folha de São Paulo*.

O aumento da presença de cronistas e colunistas nos periódicos nacionais, em período de Copa do Mundo, é um processo de transformação que marca a imprensa brasileira contemporânea, como indica Marques (2010). Em sua perspectiva, o acréscimo de personalidades e celebridades nos cadernos especiais é uma das maneiras de alavancar as vendas dos jornais e tornar a mídia impressa competitiva frente as suas rivais. Nesse sentido, este autor apresenta quatro grupos de atores sociais que assinam crônicas em Copa do Mundo. O primeiro se constitui como os jornalistas da casa, o segundo é constituído por grandes escritores e cronistas do caderno de cultura, o terceiro por jornalistas de outras editoras do próprio jornal e por fim as personalidades alheias a prática jornalística sejam elas do mundo do esporte, da arte ou da política.

Tostão não é um literato per se. Também não é cânone do jornalismo esportivo. Além de ser um “entendido do futebol” é um dos jogadores que participou em 1970 da superação do “complexo de vira-latas” na vitória sobre o Uruguai nas semifinais da Copa do México (MARQUES, 2014). Portanto ele representa a ideia-valor de um estilo de jogar associado ao futebol-arte (GUEDES, 1998) e seu olhar – suas crônicas – enfatiza os benefícios de se aproximar desse estilo de jogo e os inconvenientes de se afastar dessa característica intimamente ligada ao modo nacional de praticar o futebol.

De certa forma ele se aproxima de cronistas consagrados, como Mário Filho, Nelson Rodrigues e José Lins do Rego, ao realizar as interpretações do caráter nacional, ao estilo de jogar à brasileira e as emoções envolvidas nas derrotas (FERREIRA ANTUNES, 2004). Mas, certamente se afasta destes por uma série de características que os fizeram grandes expoentes da crônica esportiva. Não somente a qualidade e os recursos estilísticos são diferentes, mas não há em Tostão um retrato psicológico do brasileiro como em José Lins do Rego, nem uma explicação do futebol e da identidade nacional que perpassa a miscigenação e a raça como em Mário Filho e tampouco o patriotismo e nacionalismo exagerado de Nelson Rodrigues.

É preciso ainda reforçar que os espaços ocupados entre estas crônicas e Tostão são diversos. Tostão foi jogador e depois médico. Mário Filho era diretor proprietário do *Jornal dos Sports*. Era mediador político e cultural, além de historiador do futebol brasileiro. Nelson Rodrigues foi dramaturgo, escritor e jornalista, ao passo que João Lyra Filho era da magistratura, escritor clássico e foi reitor de Universidade,

conselheiro da FIFA, trabalhou na Confederação Brasileira de Desportos. Era um Cartola, assim como a maioria dos cronistas do *cor-de-rosa* (HOLLANDA, 2012).

O lugar de Tostão na crônica esportiva como faz crer Costa (2009) em uma interpretação eliasiana é de *outsider* (ELIAS e SCOTSON, 2000): “Tostão como jogador de futebol – estabelecido – e como cronista, em um novo contexto – ‘outsider’, de fora” (COSTA, 2009, p. 15). Em uma crônica intitulada *Nada é fácil na vida*, o ex-jogador argumenta sobre as dificuldades enfrentadas ao se posicionar como comentarista e cronista esportivo:

Como fui atleta, as vezes jogadores e técnicos reclamam de que sou muito crítico, como se não fosse solidário “a classe” ou menosprezasse a qualidade técnica de alguns jogadores. Não posso ser corporativista, ainda mais sem nenhum motivo, já que exerço outra atividade. O passado está presente em nossa vida, mas não pode estar à frente do presente. (...) Como fui atleta e não sou formado em jornalismo, de vez em quando aparecem manifestações explícitas de protesto contra a presença de comentaristas-atletas trabalhando na imprensa. (...) Anos atrás, um jornalista que nunca mais vi e cujo nome não lembro afirmou na televisão que os meus textos não poderiam ser feitos por mim. Ele desconfiava de que eram escritos pelo Roberto Drummond, grande escritor mineiro, que morreu em 2002. Recebi esse preconceituoso e delirante comentário como ofensa e também como elogio, pela comparação com Roberto Drummond (TOSTÃO, 2012, p. 151).

A argumentação, em tom de desabafo, permite apontar para questões que incidem sobre o discurso autorizado. Em *A economia das trocas linguísticas*, Bourdieu aponta que é inerente a todo campo, seja este religioso, científico ou esportivo, um jogo de disputas simbólicas pelo poder para impor visões legítimas da realidade social. A linguagem não escapa a esta disputa por poder. De fato, as palavras não têm poder por si mesmas, elas adquirem poder através da autoridade de quem as pronuncia, da eficácia do seu sentido pela pessoa autorizada a utilizá-la e pelo reconhecimento dos membros do campo da legitimidade da performance linguística do enunciador. Isso é o que esse autor chama de “linguagem autorizada” (BOURDIEU, 2008, p. 85).

A linguagem autorizada ou o discurso autorizado, como prefere Guedes (1998, 2011), sobre o futebol no Brasil é enunciado pelo jornalismo esportivo. As áreas de Educação Física e Ciências Sociais entram nessa disputa de interpretação sobre a realidade social do fenômeno de forma periférica, já que é a imprensa quem detém a maior abrangência e alcance ao realizar as leituras sobre o futebol. Portanto, a imprensa, além de realizar múltiplas leituras autorizadas sobre o mesmo evento através de crônicas, entrevistas e reportagens, ainda possui a legitimidade e conseqüentemente a credibilidade para definir a realidade social sobre os eventos esportivos.

Isso não é tudo. O poder da imprensa ainda se apresenta através do tribunal da norma na esfera do futebol brasileiro. É nesse sentido que aponta Florenzano quando aborda a disputa de poder entre jogadores da Seleção Brasileira e a imprensa esportiva, no evento que ficou conhecido como *Manifesto de Glasgow*:⁵

A peça encenada nas páginas dos jornais, transformadas no tribunal da norma, seguia enredo estabelecido pelo dispositivo de poder no futebol, trama na qual a técnica do confessorário desempenha um papel importante, determinando a culpa do jogador, extraindo-lhe a confissão e, depois, concedendo-lhe o perdão. A naturalidade com a qual o jornalista submete o jogador à condição de réu, acusando-o de indisciplina, rebeldia ou perda de consciência de seu lugar, classificando-o no campo cindido entre o Bem e o Mal, distribuindo perdão e sancionando a culpa torna-o uma instância decisiva no exercício do poder. (FLORENZANO, 2009, p. 117).

⁵ O Manifesto de Glasgow foi uma carta escrita pelos atletas da seleção brasileira endereçada a imprensa esportiva que cobria os amistosos realizados na Europa em 1973. Nela os jogadores diziam que não iriam mais conceder entrevistas até que a imprensa alterasse a forma como vinha criticando a seleção brasileira. Essa carta-manifesto causou grande mal-estar entre os jornalistas, evidenciando uma hierarquia entre estes e os jogadores.

Certamente não são somente os atores sociais supracitados que disputam o discurso autorizado sobre a realidade social no futebol. Além deles, Toledo (2002) acrescenta, pelo menos, mais dois destes: a fala dos torcedores, as dos ex-jogadores e ex-técnicos que viraram comentaristas.

É nesta categoria de fala especializada de ex-jogador que estaria enquadrado Tostão, mas com um adendo, pois são poucos os ex-jogadores e ex-técnicos que são convidados para escrever em periódicos. É mais comum a presença desses, e suas falas especializadas, em programas esportivos, mesas redondas e comentando nas cabines de transmissões dos jogos pela televisão. No entanto, pela sua carreira esportiva acrescida do fato de ter sido médico e professor, Tostão dispunha de capital simbólico para ocupar essa função. Certamente a autoridade do seu discurso provinha da experiência de ter sido campeão do mundo no México, em 1970. Além disso, havia o consentimento e o acolhimento institucional da autoridade da fala por grandes nomes do jornalismo esportivo.

Isso é perceptível no prefácio da coletânea de crônicas escrita por Tostão (2012). Juca Kfouri tece elogios e autoriza o ex-jogador a proferir análises esportivas, mesmo este não sendo jornalista. De fato, o jornalista compara o texto do ex-jogador com a maneira que este atuava em campo e, talvez mais relevante para atribuir poder e autoridade ao seu discurso, compara também com textos de escritores clássicos da literatura brasileira.

Certa vez, escrevi que, se mestre Armando Nogueira era o Machado de Assis da imprensa esportiva brasileira, como todos nós dizíamos, Tostão era o Graciliano Ramos. (...) Tostão foi um dos maiores craques que eu já vi. E ele escreve como jogava. Também em suas crônicas, consegue enxergar o que nós nem suspeitávamos e resolve tudo com simplicidade minimalista e delicadeza tocante. (KFOURI, 2012, p. 11-12).

Mesmo com esse assentimento institucional do discurso autorizado, ainda assim Tostão relata dificuldades para que sua percepção seja considerada relevante na disputa pela enunciação legítima da realidade social. Como faz crer na crônica *Nada é fácil na vida*, reproduzida parcialmente algumas páginas acima, ele enfrenta o ressentimento dos jogadores e o perigo de deslegitimação do seu discurso por jornalistas. Do ressentimento ele se resguarda argumentando que não pode ser corporativista por ser ex-jogador e reivindica a sua autoridade por ocupar uma nova posição na escala hierárquica do campo esportivo – ele agora é cronista e comentaristas, portanto faz parte dos que utilizam da “superioridade do trabalho intelectual dos jornalistas”, ao invés da “inferioridade do trabalho físico dos jogadores” (FLORENZANO, 2009, p. 109). Em seguida, se protege da acusação do jornalista, que ele “nunca mais viu e nem sabe o nome” empregando a comparação com um dos cânones da literatura brasileira. Se Juca Kfouri já o havia comparado com Graciliano Ramos, na sua postulação de autoridade de fala, ele menciona Roberto Drummond para eximir quaisquer dúvidas sobre a sua qualidade como escritor e seu direito de ser cronista esportivo.

O corpo e suas vicissitudes

Leda Maria da Costa (2020) refletiu sobre as derrotas da Seleção Brasileira de futebol nas Copas do Mundo. Nesse processo, a autora, fundamentada no conceito de melodrama, utilizou de duas categorias para compreender como o jornalismo esportivo atribuía sentido para as derrotas. A primeira categoria é a do vilão e a segunda é do quase-vilão.

O vilão é aquele sujeito que tem uma atuação infeliz ou tomou uma decisão equivocada durante a partida, identificado como catalisador da derrota. Nessa categoria estão alocados os jogadores que se posicionam na defesa – como os zagueiros, laterais e goleiros – e os técnicos. Esses são culpados pela derrota. Em contrapartida, os quase-vilões são aqueles jogadores considerados como *craques, fora de série* que por alguma circunstância atípica não têm o desempenho que se espera deles. Ao contrário dos vilões, os quase-vilões são desculpados desses erros capitais devido ao retrospecto de desempenhos

positivos no decorrer da carreira.

Ao abordar a Copa de 2006, essa autora sugere a quase-vilania do jogador Ronaldinho Gaúcho e a vilania do técnico Carlos Alberto Parreira. Além disso, Costa (2020) identifica uma questão macro estrutural para explicar essa derrota. Os jogadores foram acusados de mercenários, em outras palavras, a acusação recaí no excesso de rentabilidade da profissão que fazia da competição apenas mais um compromisso profissional, e não um compromisso único que deveria ser encarado com amor à nação.

Nas crônicas escritas por Tostão, a questão macro estrutural quase não aparece. Aparece timidamente nas entrelinhas – quando o cronista sugere desinteresse, um excesso de confiança e soberba na atuação de alguns jogadores, do mesmo modo não aparece uma crítica contundente ao desempenho do jogador Ronaldinho Gaúcho. Os enfoques, como se verá mais adiante, direcionam para a corporeidade, no caso do jogador Ronaldo Fenômeno, e para a falta de comando, coragem e ousadia, no caso do treinador Carlos Alberto Parreira.

Quando a corporeidade entra em questão é para focar o pé machucado e o excesso de peso do jogador Ronaldo Fenômeno. Le Breton (2011a) assinala que as sociedades ocidentais trabalham no apagamento corporal dos indivíduos. O corpo está presente, mas há um aprendizado da invisibilidade das manifestações corporais, do seu esquecimento e silenciamento. O corpo só se torna visível quando “(...) nos momentos de crise, de excesso: dor, fadiga, ferimento, impossibilidade física de cumprir determinado ato (...)”. (LE BRETON, 2011a, p. 195). Ora, é justamente esse o destaque que adquire o corpo do jogador na preparação de véspera da Copa do Mundo.

A visibilidade se dá no primeiro momento nas bolhas no pé. Na coluna do dia 8 de junho, Tostão aponta: “quase tudo perfeito, pouquíssimos questionam a escalação, o time é a cada dia mais endeusado, os treinos são sempre os mesmos, a notícia principal é o pé de Ronaldo e o mico do patrocinador que fez a chuteira (...)” (TOSTÃO, 2006b, p. D3).⁶

A categoria “pés de obra” foi cunhada por Damo (2007) para indicar a transformação dos atletas em mercadorias e seu valor de troca para o futebol de espetáculo. Como esse autor demonstra, os atletas entram num circuito de trocas que os inclui como bens produzidos para o espetáculo, tal qual são produzidos bens simbólicos e bens materiais – como as chuteiras. Tendo como parâmetro a múltipla produção e retroalimentação de bens onde o valor do jogador (monetário e simbólico) impulsiona o valor da chuteira (o desejo pelo produto e suas vendas) é que a crônica sobre os pés de Ronaldo se constrói.

É importante evidenciar que os pés numa hierarquia de valor do desenvolvimento corporal humano possuem valor técnico menor do que o das mãos. Nesse sentido, os pés foram menos valorizados em sua eficácia para conhecer o mundo ao redor e uma “cultura no chão” é negligenciada pela sociedade ocidental (INGOLD, 2015). No entanto, no campo do mercado futebolístico os pés são valorizados fazendo da categoria “pés de obra” muito oportuna para pensar essa parte do corpo como instrumento de trabalho, bem como de diferenciação simbólica e monetária entre os atletas. Há pés que valem mais do que outros, causam mais preocupações ao mercado e aos torcedores do que outros, pelo que representam como capital simbólico e financeiro. Em todos esses sentidos as bolhas no pé do jogador, decorrentes de uma cosedura imperfeita em sua chuteira, transforma-se em uma notícia a ser debatida com preocupação pelos atores envolvidos nesse meio esportivo.

As bolhas no pé causam desconforto, restrição de movimento e velocidade ao correr. O equilíbrio é comprometido, assim como a concentração para executar as ações no jogo. A eficácia do chute e passe perdem precisão. Em um esporte onde as imprecisões dos usos dos pés sadios, no domínio e controle da bola, fazem o jogo adquirir um alto grau de imprevisibilidade, imagine com o acréscimo da dificuldade de se jogar com bolhas no pé. Portanto, as bolhas apresentam uma série de entraves para a coordenação

⁶ Na reta final da preparação, o jogador Ronaldo teve problemas com a chuteira desenvolvida especialmente para que ele usasse durante a Copa do Mundo de 2006. O calçado causou bolhas em um de seus pés, colocando o fabricante em uma posição delicada frente a um dos seus principais garoto-propaganda.

motora que prejudicariam a performance do jogador.

Roberto DaMatta quando pensa sobre os usos e imagens do corpo, indica que:

Outro elemento ligado aos usos do pé é que os pés conduzem a uma subordinação de todo o corpo às pernas, quadris e cintura, essas partes inferiores da anatomia humana que, no caso da sociedade brasileira, são centrais para as danças nacionais como o samba e alvo de um elaborado simbolismo (DAMATTA, 2006, p. 156).

Esse autor aponta para uma série de significados dos pés no espaço social brasileiro. Significados que passam pela humildade e submissão e enfatizam a hierarquização e moralidade ligada ao alto e baixo corporal. O que nos interessa aqui é a associação que DaMatta estabelece entre os pés e o “jogo de cintura”. Esta associação se refere a malandragem, a sagacidade para transitar na realidade social brasileira, a dança, ao sexo e ao drible no futebol.

Nesse sentido, as bolhas no pé de Ronaldo Fenômeno não podem ser lidas como uma notícia periférica e anedótica no contexto da preparação da Copa do Mundo. Nesse momento, as bolhas implicam na perda do “jogo de cintura”, implicam também na possibilidade de descaracterizar a representação típico-ideal de jogar à brasileira e não menos importante, implica em uma denúncia ao mercado de bens materiais que por uma “tecnologia restritiva” (INGOLD, 2015, p. 76), como a chuteira, neste caso defeituosa, coloca seu emblema acima da mercadoria principal desse circuito – o jogador. Por isso, Tostão fala do *mico* e culpa o patrocinador pelas bolhas nesse pé de obra, eximindo o jogador de qualquer responsabilidade.

O corpo volta ao debate no início da Copa do Mundo. O peso corporal do mesmo jogador, que antes era o centro dos debates pelas bolhas no pé, agora ressentido-se do “jogo de cintura” e da mobilidade pelo excesso adiposo na cintura.

A esperança é ver Ronaldo melhor e com mais mobilidade. Tenho a impressão, como escrevi em outra coluna, de que a lentidão de Ronaldo não é apenas pela sua má forma física e técnica, mas também pelo seu excesso de confiança, quase uma soberba, e que ele vai naturalmente brilhar, como em outros tempos. Chateado e desafiado pelas críticas, Ronaldo poderá ser hoje um outro jogador. Tomara! (TOSTÃO, 2006f, p. D3).

Nesse excerto da crônica de Tostão, a má forma física de Ronaldo sugere incongruências entre o trabalho executado pelo jogador e a imagem da sua corporeidade (FISCHLER, 1995). Sabe-se que é no Centro de Treinamento que os dispositivos de governo sobre o corpo são realizados. É através da racionalidade técnica e científica que congregam nutrição, biomedicina e preparação física que o atleta profissional permite “(...) uma invasão completa de sua corporalidade, singularmente transformadas em objeto de investigação, conhecimento, intervenção e investimento” (BITENCOURT, 2020, p. 140).

Essas são as circunstâncias tanto para a formação de jogadores quanto para preparação de competições importantes. É fundamental recordar que não foi somente o estilo de jogo contundente, mas também a utilização de todo um aparato militar e dispositivos técnicos científicos que propiciaram a campanha bem sucedida da seleção que venceu no México em 1970 (SOARES et al., 2006).

Se Ronaldo estava em má forma física, algo foi transgredido na preparação desse jogador. Por um lado, pode-se assumir que o sistema disciplinar e de controle de governo do corpo e regime dietético (TURNER, 2014) não foram eficazes. O passo seguinte é responsabilizar a comissão técnica por não cumprir o esperado, mas nesse momento Tostão não realiza nenhuma associação entre o jogador e sua preparação física – adiante, a culpabilidade da comissão técnica é evidenciada através da incapacidade de manter a autoridade.

Por outro lado, aparentemente, como só Ronaldo estava com dificuldade de mobilidade, a evocação da gordura pode adquirir conotações morais. Nesse caso a gordura mais do que uma condição física, revela uma questão moral. O cronista sugere essa relação ao associar má forma física e lentidão ao excesso de confiança e a soberba. Sendo uma questão moral, a responsabilidade por sua própria condição

física é do jogador. Ele é o único culpado, incapaz de controlar seus desejos (alimentares) e governar seu corpo (VIGARELLO, 2012).

A transgressão é elucidada por uma falha de comprometimento com o *ethos* esportivo de preparação física e com uma falta de investimento nas suas capacidades atléticas. Assim, tudo leva a crer que não houve renúncias e sacrifícios para desempenhar uma atividade em que o corpo se torna um instrumento de trabalho. Essas renúncias dos prazeres alimentares, sexuais e a rigorosa disciplina é o que se espera desses tipos de atletas, como bem evidencia Wacquant (2002), no contexto de preparação para torneios de boxe.

Ademais, sobre a falta de investimento e rigor na forma física, Goldenberg e Ramos (2002, p. 31) argumentam que quando identificam o corpo como um valor de civilização nas praias do Rio de Janeiro, “a gordura, a flacidez ou a moleza são tomadas como símbolo tangível da indisciplina, do desleixo, da preguiça, da falta de certa virtude, isto é, da falta do investimento do indivíduo em si mesmo”. Portanto, sob o jogador recai a acusação moral e conseqüentemente a responsabilidade pela ausência de investimento em si e pela falta de comprometimento com a competição. Tudo isso revelado pelas suas formas corporais e pelo seu desempenho em campo.

A falta de coragem e a culpa pela derrota

A partir da derrota na final da Copa de 1998, a Seleção viveu um quadro conturbado, com a passagem de quatro treinadores até 2002. Do título de 2002 em diante, a situação foi outra: escalar, treinar e administrar a equipe no ciclo de 2006 era a tarefa de Carlos Alberto Parreira e de sua comissão técnica. O técnico campeão em 1994, assumiu a equipe após a saída de Felipão no final de 2002.

Parreira nunca foi uma unanimidade nacional, nem em 1994 e muito menos em 2006. O estilo de jogo que adotava em suas equipes e na Seleção Brasileira não primava pela *agressividade* nem pela busca incessante pelo gol, pelo contrário, preferia administrar a posse da bola e fazê-la rodar, rodar e rodar: “(...) Parreira é um defensivista histórico, que tinha em mãos os trunfos que todos – menos, talvez, ele mesmo – gostariam de ter” (WISNIK, 2008, p. 391).

Na Alemanha, apesar das duas vitórias iniciais, as críticas apontavam para as dificuldades de deixar alguns jogadores fora do time titular e na insistência do treinador em sustentar um esquema idealizado, subsidiado pelas vitórias que, segundo Tostão, não convenciam.

O cronista pedia coragem:

No final da partida, a TV mostrou o Parreira e o Zagallo sérios e preocupados. Deviam estar pensando nos problemas que criaram com a escalação dos novos jogadores. Juninho, Robinho e Gilberto Silva merecem ser titulares, não somente por esse jogo, mas pelo que sabem jogar. Parreira, coragem. (TOSTÃO, 2006h, p. D3, grifos nossos).

E já antecipando a culpa do treinador insistia na coragem:

Tenho antigas opiniões (...). Mas não tenho certeza de nada (...) Se o Brasil for desclassificado em um dos próximos três jogos e o time atuar com a formação das duas primeiras partidas, já está decidido pela maioria que, independentemente das atuações dos jogadores, a culpa será de Parreira, que não teve coragem para barrar alguns antigos titulares, como Roberto Carlos, Cafu e Ronaldo. Se o Brasil jogar bem e vencer com esses experientes atletas, jogando bem ou mal, vão dizer que Parreira teve prudência ao escalar os jogadores (TOSTÃO. 2006i, p. D3, grifos nossos).

No contexto esportivo, a insistência na coragem está relacionada à virilidade, “a virilidade esportista se orienta para vertentes mais íntimas: a coragem, a obstinação, a abnegação” (VIGARELLO, 2013, p. 287). A coragem é uma emoção que comunica valores morais e está intimamente ligada a virtude heroica (LE BRETON, 2009; RABIEH, 2006). Portanto, a coragem, sendo uma virtude moral, pressupõe a

assunção de riscos (PUTMAN, 2001). Ser viril e ousado – assumir riscos – se mesclam como uma qualidade moral daquele que está em posição de comando: a ousadia pode levar ao fracasso, mas não ser ousado indica impotência, esse sim um medo maior do que o fracasso (HAROCHE, 2013). É nesse sentido que Le Breton (2011b, p. 24) lembra que não se arriscar em determinadas circunstâncias pode ser arriscado pois, há sempre o perigo de ser identificado como impotente, passivo e efeminado, como indica a literatura que enfoca o processo de construção da masculinidade, em diversas latitudes (ALMEIDA, 1995; CONNELL, 2000; GILMORE, 1990; MESSNER, 1992).

Ora, no caso de Parreira, a impotência e passividade está relacionada, não somente a sua falta de ousadia e coragem, mas também sobre a sua hesitante autoridade e a incapacidade de governo dos atletas dentro e fora de campo. Esses são os aspectos que as crônicas de Tostão enfatizam para determinar a culpa do treinador, ainda que não toda, pela derrota. “Parreira é o responsável pela escalação do time e pelo esquema tático, mas não é o único culpado” (TOSTÃO, 2006, p. D3).

O que faz Parreira culpado nas narrativas da derrota, relaciona-se ao estilo de jogo adotado pelo treinador e a sua dificuldade em organizar o time e extrair o melhor de cada jogador. Tostão evidencia a reticência em privilegiar o ataque, mesmo possuindo jogadores com características e habilidades que possibilitariam a opção por um esquema de jogo agressivo. Ademais, havia receio em alterar a formação da equipe e privilegiar jogadores que não eram originalmente titulares, mas que estavam em melhores condições do que os atletas *mais experientes*.

Outro aspecto da culpa se refere à falta de autoridade e ascendência sobre os jogadores extracampo. A disciplina militar e conseqüentemente a obediência às ordens do treinador é o que rege as relações de poder e de hierarquia nas relações entre treinadores e atletas. Como faz crer Florenzano (1998), a autoridade para governar a conduta dos jogadores exercida pela comissão técnica supõe a vigilância do condicionamento físico e a docilidade às ordens do treinador. Sabe-se que a preparação para a Copa do Mundo foi um espetáculo midiático notabilizado pela falta de privacidade nos treinamentos, rumores de saídas noturnas e consumo de bebidas alcoólicas na concentração pelos atletas.

Portanto, em campo predominou a obediência tática impossibilitando que os atletas exercessem suas habilidades, fora dele predominou a transgressão dos comportamentos esperados. Dóceis e servis em campo; desobedientes e insubordinados fora dele. Daí o apagamento dos craques e seus improvisos em benefício da obediência a um esquema tático covarde. Daí os excessos e exposições que resultaram na má forma física de jogadores e do pouco comprometimento com a competição. Em ambos os casos, a maior parcela de culpa pelo fracasso na Alemanha tem nome e sobrenome: falta de coragem e fragilidade na manutenção da autoridade. É isso que evidenciam as narrativas desencadeadas nas crônicas de Tostão.

Considerações finais

Esse artigo propôs refletir sobre temas evidenciados nas crônicas escritas pelo ex-jogador Tostão em decorrência da Copa do Mundo de futebol realizada na Alemanha em 2006. Um dos temas que revisita é o da fala autorizada para emitir opiniões sobre a realidade social, no caso a derrota da seleção brasileira e seus culpados. Esse contexto é destacado por um jogo de disputas entre atores sociais onde o ex-jogador, mesmo possuindo a fala especializada baseada na prática e na sua vitoriosa carreira, tem a legitimidade de seu discurso ameaçado por alguns membros do campo do jornalismo esportivo. Ameaça que arrefece enquanto o apoio de grandes nomes do jornalismo esportivo lhe autoriza a escrever crônicas sobre o futebol e comparam seu estilo com o de cânones da literatura brasileira. Nessa relação de poder, Tostão ocupa uma posição ambivalente. Ele pode ser considerado um *outsider* por não ser cria do jornalismo esportivo, mas ao mesmo tempo pode ser considerado um estabelecido (ELIAS e SCOTSON, 2000) por ocupar uma posição de ex-jogador e ter conquistado a glória de campeão do mundo na equipe mais memorável, por praticar o estilo brasileiro de futebol-arte; a seleção de 1970. A posição é ambivalente

porque historicamente o espaço de cronista não é o ocupado por jogadores em atividade ou aposentados. A crônica esportiva é um lugar ocupado na sua maioria por jornalistas, escritores, juristas e cartolas. Em períodos de Copa do Mundo esse espaço é excepcionalmente ocupado por outros atores em um caderno especial. Assim, é uma concessão para emitir enunciados que, em princípio, não desestabiliza as relações de poder no jornalismo esportivo. Tostão não ocupa esse espaço de maneira excepcional, ele possui uma coluna semanal no jornal pelo menos desde 1996 e isso torna a ambivalência mais visível e ruidosa necessitando da anuência de jornalistas consagrados para que seus discursos adquiram a devida importância.

É relevante destacar que as categorias mobilizadas por Tostão não são novidade para compreender as derrotas brasileiras em Copas do Mundo. Tanto as questões corporais, as emoções, quanto à masculinidade e autoridade já foram temas de debate em crônicas como José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. Certamente esses cronistas estavam preocupados com questões que estavam diretamente ligadas com o caráter nacional e a identidade nacional. Não nos parece ser este o enfoque principal do olhar de Tostão, mesmo que essas questões estejam em alguma medida em suas crônicas.

A corporeidade é o tema destacado para tratar do desempenho do jogador Ronaldo Fenômeno. As bolhas em seu pé e o excesso de gordura são motivos de discussão nas crônicas de Tostão. Em cada um dos casos se elege responsabilidades associadas a culpa do fracasso esportivo. Se no caso das bolhas do pé a culpa recaí sobre a entidade *mercado*, representado pela marca que patrocina a sua chuteira, no caso da gordura a (ir)responsabilidade é do próprio jogador. Não só irresponsabilidade, como também uma falha moral e uma transgressão são sugeridas. Nesse contexto a gordura se transforma em uma categoria de acusação (VELHO, 2004) expondo a falta de comprometimento e a transgressão da disciplina corporal exigida a um atleta de alto rendimento. É significativo pensar como as crônicas ajudam na culpabilização do jogador, tornando-se um “Tribunal da Norma” (FLORENZANO, 1998, 2009) e exibindo a sua subversão do dispositivo de governo do corpo, da concentração e suas normas em prol da conquista de seus objetivos pessoais.

Na mesma direção, a acusação moral que incide a culpabilização do técnico Parreira, a ausência de coragem em ousar e assumir riscos para transformar as situações que lhe eram imposta pelas circunstâncias das partidas, somado a impotência de disciplinar seus atletas e lhes inculcar uma mentalidade competitiva, fizeram do treinador o principal culpado pelo fracasso brasileiro nessa Copa do Mundo. É sobre ausência de coragem e autoridade que as crônicas escritas por Tostão se debruçam durante e após a competição. Ausências que retiram a característica de virilidade do que se espera de um treinador de futebol – uma figura paterna ou uma figura agressiva-militar (FLORENZANO, 1998; MESSNER, 1992) – e acentuam o enfraquecimento, a debilidade e a frouxidão. Características que devem ser evitadas, em qualquer circunstância, nos discursos e práticas masculinas (ALMEIDA, 1995).

Ao fim e ao cabo, mesmo não sendo o único culpado, Parreira é o vilão do fracasso por se apoiar em um estilo de jogar que se foi vencedor em 1994, apesar de contestado, não repetiu com o mesmo êxito com jogadores mais qualificados: faltou coragem, ousadia e autoridade. Características estas sendo determinantes para a escolha de seu substituto.

Referências

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.

BITTENCOURT, Fernando Gonçalves. **O ciborgue e o futebol**: corpo, biopoder e ilusão no reino do quero-quero. Curitiba: Appris, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CONNELL, Raewyn. **The men and the boys**. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 2000.

COSTA, Leda Maria da. **Os vilões do futebol**: jornalismo esportivo e imaginação melodramática. Curitiba: Appris, 2020.

COSTA, Felipe Rodrigues da. **Derrotas da seleção brasileira**: futebol e identidade nas crônicas de Tostão. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, 2009.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: um ensaio em torno do significado social do futebol brasileiro. *In*: DAMATTA, Roberto (Org.). **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. p.135-171.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom a profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores: ANPOCS, 2007.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FERREIRA ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues. **“Com brasileiro, não há quem possa!”**: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

FISCHLER, Claude. Obeso benigno, obeso maligno. *In*: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p.69-80.

FLORENZANO, José Paulo. **Afonsinho e Edmundo**: a rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa Editora, 1998.

FLORENZANO, José Paulo. **A democracia corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: Fapesp/Educ, 2009.

GASTALDO, Édison. A Pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras. *In*: GASTALDO, Édison; GUEDES, Simone (Orgs.). **Nações em campo**: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006. p. 87-102.

GASTALDO, Édison. Futebol e estudos de comunicação no Brasil: caminhos e encruzilhadas de um campo indisciplinar. *In*: GIGLIO, SÉRGIO Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020. p. 399-409.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. *In*: GEERTZ, Clifford (Org.). **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 13-44.

GILMORE, David. **Manhood in the making**. London: Yale University Press, 1990.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. *In*: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Nu & vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 19-40.

GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol**: Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: Eduff, 1998.

GUEDES, Simoni Lahud. Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro. **Esporte e Sociedade**, ano 5, n. 16, p. 1-11, fev. 2011.

HAROCHE, Claudine. Antropologias da virilidade: o medo da impotência. In: COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História da virilidade 3: a virilidade em crise? o século XX e XXI**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 269-301.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HELAL, Ronaldo; Costa, Leda Maria da. Sociologia do Esporte I – “Sociologia do esporte: temas, pressupostos e situação do campo”. In: FAZZI, Rita de Cássia; LIMA, Jair Araújo de. (Orgs.). **Campo das ciências sociais: figuras do mosaico das pesquisas no Brasil e Portugal**. Petrópolis: Vozes, 2020. p.506-523.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELLO, Victor Andrade de. (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, Hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELLO, Victor Andrade de. (Org.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 80-106.

INGOLD, Tim. A cultura do chão: o mundo percebido através dos pés. In: INGOLD, Tim (Org.). **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015. p.70-94.

KFOURI, Juca. A Copa em que o Brasil perdeu, eu ganhei. In: TOSTÃO. **A perfeição não existe: paixão do futebol por um craque da crônica**. São Paulo: Três Estrelas, 2012. p.11-13.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011a.

LE BRETON, David. **Conductas de riesgo: de los juegos de la muerte a los juegos de vivir**. Buenos Aires: Topía Editorial, 2011b.

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.

LÉTOURNEAU, Jocelyn; PELLETIER, Sylvie. Como interpretar uma fonte escrita: comentário do documento. In: LÉTOURNEAU, Jocelyn (Org.). **Ferramentas para o pesquisador iniciante**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 99-122.

MARQUES, José Carlos. A função autor e a crônica esportiva no Brasil: representações da Copa do Mundo em alguns jornais paulistas e cariocas. **Logos 33: Comunicação e Esporte**, v. 17, n. 2, p. 39-50, 2010.

MARQUES, José Carlos. Entre a ficção e a objetividade: breve estudo sobre a crônica no jornalismo brasileiro durante a Copa do Mundo de Futebol de 2002. **Aletria**, v. 2, n. 2, p. 121-135, 2012.

MARQUES, José Carlos. Do complexo de vira-latas à “nossa Taça do Mundo”. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do (Org.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EduERJ, 2014. p. 85-108.

MESSNER, Michael. **Power at play: sports and the problem of masculinity**. Boston, Massachusetts: Beacon Press books, 1992.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PACHECO, Leonardo Turchi. A palavra e a voz no futebol: apontamentos sobre mulheres e narração esportiva. In: GIGLIO, SÉRGIO Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Org.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020. p.640-651.

PUTMAN, Daniel. The emotions of courage. **Journal of Social Philosophy**, v. 32, n. 4, p.463-470, 2001.

RABIEH, Linda. Introduction: the problem of courage. In: RABIEH, Linda (Org.). **Plato and the virtue of courage**. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2006. p. 1-25.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Futebol e história. In: GIGLIO, SÉRGIO Settani; PRONI, Marcelo

Weishaupt (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020. p.139-151.

SOARES, Antônio Jorge; HELAL, Ronaldo; SANTORO, Marco Antônio. A invenção do “Futebol-Arte”: as narrativas jornalísticas sobre a seleção de 1970. **Contemporânea**, v. 2, n. 2, p. 103-119, 2004.

SOARES, Antônio Jorge; SALVADOR, Marco Antônio Santoro; BARTHOLLO, Tiago Lisboa. Copa 70: o planejamento México. In: GASTALDO, Édison; GUEDES, Simone (Org.). **Nações em campo**: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006. p. 103-124.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas do futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

TOSTÃO. **A perfeição não existe**: paixão do futebol por um craque da crônica. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

TOSTÃO. Encontros e Treinos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 6 jun. 2006a, p. D3. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 15 out. 2019.

TOSTÃO. Efeitos Globais. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 8 jun. 2006b, p. D3. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 15 out. 2019.

TOSTÃO. Esperada Estreia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 jun. 2006c, p. D3. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 15 out. 2019.

TOSTÃO. Deu para o Gasto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 jun. 2006d, p. D3. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 15 out. 2019.

TOSTÃO. Mistério do Fenômeno. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 16 jun. 2006e, p. D3. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 15 out. 2019.

TOSTÃO. Vencer e Convencer. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 jun. 2006f, p. D3. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 15 out. 2019.

TOSTÃO. Foi Suficiente. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 jun. 2006g, p. D3. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 15 out. 2019.

TOSTÃO. Parreira Coragem. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 jun. 2006h, p. D3. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 15 out. 2019.

TOSTÃO. Certezas e dúvidas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26 jun. 2006i, p. D3. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 15 out. 2019.

TOSTÃO. Tá Bom e Ruim. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 jun. 2006j, p. D3. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 15 out. 2019.

TOSTÃO. Jogo de Craques. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 jul. 2006k, p. D3. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 15 out. 2019.

TOSTÃO. Agora Acabou. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 jul. 2006l, p. D3. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 15 out. 2019.

TOSTÃO. Não Somos Idiotas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 03 jun. 2006m, p. D3. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 15 out. 2019.

TURNER, Bryan. **Corpo e sociedade**. São Paulo: Ideais & Letras, 2014.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade no Ocidente: da Idade Média ao século XX. Petrópolis: Vozes, 2012.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. In: COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História da virilidade 3**: a virilidade em crise? o século XX e XXI. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 269-301.

VOGEL, Arno. O momento Feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto (Org). **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p.75-116.

WACQUANT, Loic. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WHANNEL, Garry. "Sport and the media". In: COAKLEY, Jay; DUNNING, Eric (Eds.). **Handbook of sports studies**. London: Sage, 2000. p. 291-380.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo Companhia das Letras, 2008.

Leonardo Turchi Pacheco é Professor Associado III de Antropologia do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Pós doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/EEFFTO/PPGIEL). Doutor em História Social da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Coordenador e pesquisador do grupo de pesquisa LABET - UNIFAL -MG (Laboratório de Etnografia). Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito.

Mateus Alexandre Silva é doutorando do Programa Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisador do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas - GEFuT-UFMG. Neste artigo contribuiu com o desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito e revisão da versão em língua estrangeira.